

O FILHO ETERNO: ASPECTOS DO SUBLIME NA OBRA DE CRISTÓVÃO TEZZA

Elisângela Aparecida Zaboroski¹

*“Essa morte anunciada,
parecia-lhe, nesse momento,
o único lado bom da vida.”*
(Cristóvão Tezza)

Resumo: O presente artigo visa debater a teoria do sublime, seus aspectos literários e filosóficos, de Longino a Burke, destacando algumas abordagens breves de Kant, como meio para o entendimento do conceito de sublime e de sua aplicação na obra *O filho eterno* de Cristóvão Tezza (1952). O conceito de sublime dentro de *O filho eterno* também será abordado através dos pressupostos teóricos de Karl Eric Schollhammer, uma vez que tal crítico aborda o escritor contemporâneo e sua urgência em “se relacionar com a realidade histórica.” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.10), algo de fundamental importância para o estudo que aqui será desenvolvido.

Palavras-Chave: Sublime, *O Filho Eterno*, Cristóvão Tezza

THE ETERNAL SON: ASPECTS OF SUBLIME IN CRISTÓVÃO TEZZA'S BOOK

Abstract: This article aims to discuss the sublime theory, his literary and philosophical aspects of Longino to Burke, highlighting some brief approaches Kant, as a means for understanding the concept of the sublime and its application in the work *The eternal son* of Christopher Tezza (1952). The sublime concept inside of *O Filho Eterno* will also be addressed by the theoretical assumptions of Karl Eric Schollhammer, as this critical approaches the contemporary writer and his urge to "relate to historical reality." (SCHOLLHAMMER, 2009, p.10) Something of fundamental importance for the study that will be developed here.

Keywords: Sublime, *O Filho Eterno*, Cristóvão Tezza

¹ Graduada em Letras – Português/Inglês pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória – FAFIUV, possui Mestrado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e atualmente cursa Doutorado em Literatura pela mesma instituição. E-mail: elis.zaboroski@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nossa proposta é apresentar uma análise sobre os aspectos do sublime identificados na obra *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza (1952). Por meio de leituras-suporte e intervenções textuais e contextuais, pretendemos explorar a questão do sublime fazendo o uso de duas abordagens do tema. Uma se dá pela leitura de *Do sublime*, de Longino, renomado autor do período romano que remonta o século III d.C., e a outra se volta para a contribuição de Edmund Burke (1729-1797) sobre o mesmo tema em *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*, lembrando que ainda ensejam-se as considerações de Kant acerca da temática.

A antítese clássica entre o Belo e o Sublime pertence ao campo das filosofias. No entanto, Sublime é um termo literário associado à êxtase e à criação poética da Antiguidade, sendo que o primeiro estudo sobre a dinâmica do Sublime foi realizado pelo intelectual latino Longino. Mas o texto que melhor trata sobre a problemática mudança de sentido que o conceito sofre é de autoria de Edmund Burke, cuja obra já foi citada anteriormente, e que inclusive inspirou Kant a dedicar uma seção de sua *Crítica da Faculdade do Juízo*, para abordar tal tema, lembrando que Kant destaca e divide o sublime em dois tópicos, o sublime matemático e o sublime dinâmico, o qual será abordado, embora brevemente neste ensaio.

Em Burke, é possível encontrar um breve resumo das inquietações teóricas acerca da arte, especialmente a literária. Nesse sentido, procura-se aqui definir um recorte sobre a evolução do conceito de Sublime sob a luz do romance compreendido por muitos como sendo autobiográfico, outros construindo a ideia de que Tezza, com este livro, adentra no campo da autoficção.

Assim, tem-se a necessidade de abordar o tema do sublime para então adentrar na análise da referida obra, uma vez que a construção de um cabedal de ideias que possa auxiliar o leitor a compreender o que a teoria do sublime quer nos apresentar deve levar em conta o sentimento de cada leitor, pois é ele quem irá

“sentir” o sublime em uma obra, visto que, trata-se de algo subliminar, um breve momento, um instante que se faz presente, um breve tocante que nos acomete e nos faz ter a sensação do sublime. E é esse instante sublime que se tem a intenção de abordar nas páginas d’*O filho eterno*.

Ainda destaca-se que ao abordar a questão do sublime na obra de Tezza os escritos de Karl Eric Schollhammer são de indispensável necessidade para a relação do escritor contemporâneo com a urgência de uma abordagem contextual histórica de seu trabalho.

PRESSUPOSTO TEÓRICO

O que é o sublime? O senso comum de que sublime pode ser algo que está além do belo deixa de ser o cerne das reflexões aqui apresentadas e cede espaço aos conceitos teóricos acerca do sublime na literatura, embora aqui esteja-se tratando também das concepções filosóficas do termo em questão. Assim, partimos do conceito de sublime para Longino que é: em primeiro lugar “o ponto mais alto e a excelência do discurso” (LONGINO, 1996, III, p. 71). A assertiva nos traz a reflexão acerca do que vem a ser esse ponto mais alto dentro de uma leitura realizada, o que é a excelência desse discurso e aqui surge a evidente difusão entre o conceito de sublime e conceito daquilo que possa ser considerado belo na literatura.

Uma vez que, tudo que é sublime não pode, por sua vez, ser belo, são concepções divergentes, ou seja, o sublime não é pura e simplesmente uma elevação do belo, pois, na verdade é outro conceito, uma nova definição. Nas palavras de Longino o sublime é: “uma espécie de ‘arrebato’ ou êxtase que as passagens poéticas podem produzir: invariavelmente, o admirável, com o seu impacto, supera sempre o que visa a persuadir e agradar; o persuasivo, ordinariamente, depende de nós, ao passo que aqueles lances carregam um poder, uma força irresistível e subjagam inteiramente o ouvinte” (LONGINO, 1996, p. 72).

Esse arrebatamento ao qual Longino se refere diz muito da experiência íntima de cada leitor com a obra escolhida, uma característica muito pessoal, o que quer dizer que uma obra pode ser considerada sublime por um indivíduo ao passo que para outro pode não possuir essas características, ou seja, pode não causar o referido arrebatamento e o êxtase admirável. É interessante pensar que, por vezes há a impressão de que a obra de Tezza possui intrinsecamente essa característica. E aqui pode fazer uma relação direta com o conceito de sublime e afirmar que o texto de Tezza busca provocar esse efeito ou ainda que cria as condições e abre a possibilidade para isso.

Longino se vale da força dos elementos da natureza para caracterizar a intensidade do que vem a ser essa experiência do sublime e para assim formar a sua teoria, pois, para o estudioso romano, os momentos do sublime surgem, na obra lida, como um raio, ou ainda, que as palavras “incendeiam como fogo ou impactam como a tempestade” (LONGINO, 1996, p. 71).

Pode-se dizer que o sublime é um instante, um breve momento, um sentimento que acomete o leitor e do qual ele não consegue fugir, assim sendo, perpassa por tal instante e então o sublime se dissipa, funde-se ao restante da obra e aquele arrebatamento, nas palavras de Longino, inusitado e acometedor, desprende-se da obra em questão, assim como o raio que acomete os céus e desaparece, sem percebermos, pois, o elemento causador de tal arrebatamento, na obra, torna-se algo corriqueiro, ou, simplesmente, deixa de ser inusitado na leitura.

O instante sublime já deixou de existir para aquele determinado leitor e o sublime então poderá acometer apenas outro leitor daquela mesma passagem, mas não mais esse mesmo leitor, uma vez que, o impacto da leitura não é o mesmo quando do desconhecimento do assunto tratado na obra lida.

Para Burke, no entanto, o sentimento de sublime está associado ao terror, à percepção de uma ameaça de morte. Expressa uma ideia de dor, de perigo: tudo que é terrível “é uma fonte do sublime” (BURKE, 1993, p.6).

É importante lembrar que o foco da discussão de Burke resulta de sua abordagem acerca da diferença entre um prazer positivo e um prazer negativo, o primeiro que diz respeito à beleza, está diretamente associado aos objetos pequenos e delicados, harmoniosos, claros e suaves, por sua vez, o segundo é responsável por caracterizar o sentimento do sublime, este, diga-se, associado a objetos grandiosos, massivos, escuros, de formas ásperas. E assim, Burke relaciona o referido sentimento do sublime aos fenômenos como as tempestades, tal como Longino assim o fez, entretanto Burke vai ainda mais longe e liga o sublime ao barulho de uma artilharia, ou mesmo a animais ferozes e/ou venenosos, a escuridão, entre outros.

O grande desafio de Burke é “explicar qual a causa do prazer advindo da contemplação de objetos que são, a princípio, ameaçadores, perigosos, portanto, propícios a causar a dor” (BURKE, 1993, p. 97). E o próprio autor segue dizendo em seu relato que “quando o observador está em segurança, ele pode contemplar esses objetos e experimentar duas sensações misturadas, que são a ideia de perigo e o alívio por não ser diretamente afetado pelo objeto ameaçador” (Idem. Ibidem.).

Ou seja, o sentimento do sublime reside exatamente na ideia de que podemos estar diante do perigo apenas como observadores, a uma distância segura e essa sensação é que caracteriza o sublime, por sua vez, se o perigo for real não teremos o sentimento de sublime, mas sim, o medo. Nas palavras de Burke os fenômenos sublimes “são simplesmente dolorosos quando suas causas nos afetam imediatamente; mas deleitosos quando temos uma ideia da dor e do perigo, sem estar realmente nessas circunstâncias” (Idem. Ibidem.).

E por fim, Burke intitula esse prazer negativo de deleite, posto ao prazer positivo que é propiciado pela contemplação daquilo que é belo. E ainda pode-se refletir acerca da assertiva que diz que o sublime gera um sentimento de desprazer, pois, como nos afirma Burke: “o que quer que desperte esse deleite eu o chamo de sublime” (BURKE, 1993, p. 97).

Kant retoma a noção de sublime de forma diversa, ainda que, de certa forma, próxima a análise de Burke. Em 1764, escreve um pequeno ensaio 'Observações sobre o sentimento do belo e do sublime'. O texto, de cunho psicológico, igualmente ao livro de Burke, arrolava as características respectivas do sentimento. Mais tarde, na Terceira Crítica, Kant irá sistematizar e tratar de forma crítica uma analítica do sublime. Constata que o prazer, sentido pela reflexão das formas da natureza ou da arte, não se refere apenas a uma finalidade dos objetos em relação à faculdade de julgar, de acordo com o conceito de natureza no sujeito.

Ao contrário, o acordo se dá com o conceito de liberdade, uma finalidade do sujeito em relação aos objetos, tanto na sua forma quanto na sua ausência de forma. Assim é que o julgamento de gosto não diz respeito só ao belo (a forma), mas também a esta espécie de sentimento do espírito, ao sublime. A análise do sublime supõe outro nível da análise do gosto: "O sublime, com o qual o sentimento de comoção está ligado, requer, porém, um critério de ajuizamento diverso daquele que o gosto põe como seu fundamento" (KANT, 1993, p. 27).

No julgamento do belo, por exemplo, a imaginação mantém, ainda que nestes termos, um vínculo com o entendimento. No sublime isto se dá de outra forma. Por um lado, persiste a necessidade da referência a um conceito que, indeterminado, aludiria à possibilidade de um julgamento de validade universal e/ou consensual. É ainda a conceitos que o sublime se relaciona. Mas, aqui, os conceitos acrescentam à indeterminação indicada o fato de serem conceitos da razão e não do entendimento. Isto é, são ideias da razão.

A imaginação, no sublime, dá as mãos à razão e abraça toda uma nova dimensão que fornece aquelas características que o distinguem do belo. O domínio da razão e do suprasensível, da totalidade. Assim, enquanto que o belo é do domínio da forma, dos limites da mensurabilidade, o sublime é a ausência de forma, representação do ilimitado e pensamento da totalidade. O prazer do belo é jubilatório face à vida e nasce deste sentimento. O prazer do sublime é ambíguo: uma emoção em que o espírito se sente, ao mesmo tempo atraído e repellido pelo

que experimenta. A beleza da natureza harmoniza-se com a finalidade que a capacidade de julgar alcança em sua apreciação. O sublime não discerne finalidade e esta ausência de finalidade é experimentada como violência.

No entanto, o sublime, tanto quanto o belo, mantém o caráter estético e reflexível – uma “finalidade subjetiva que não repousa sobre um conceito de objeto” (KANT, 1993, p. 04).

Um objeto da natureza pode exemplificar o sublime – e Kant enumera as montanhas, a tempestade, etc. – mas o sublime não tem forma sensível, é um sentimento que está totalmente no espírito, uma ideia da razão.

O sublime, assim entendido, põe em cena sempre uma inadequação entre o apresentável, ou seja, o sensível que representa o sublime e o inapresentável, por sua vez, a ideia que, como tal, não se satisfaz no objeto sensível. “Podemos descrever o sublime desta maneira: é um objeto [da natureza], cuja representação faz com que o espírito conceba o caráter inatingível da natureza como uma apresentação das ideias [da razão]” (KANT, 1993, p. 23-25).

Sem síntese, se o sentimento do belo nos concilia com a natureza e suas leis, o sublime nos aprisiona em nosso próprio espírito: ele não é uma “maneira de apreender”, mas uma “maneira de pensar”.

A noção de sublime abre a perspectiva de uma estética não realizável, que busca voltar-se a si própria, a sua “maneira de pensar”, sem a categoria de sujeito criador, de artista, mas na imanência da própria obra.

No sublime, tenta-se representar um malogro, já que as ideias, apenas reguladoras, são inatingíveis. No belo, o objeto – apresentado – significa o conceito. No sublime, a relação com o objeto é inatingível – o que Lyotard chama de o “inapresentável”.

A direção dada ao sublime por Lyotard coloca-o na condição de revelador de potencialidades, melhor, das virtualidades próprias às formas de produção estética abrangíveis no conceito de vanguarda. Segundo o autor, o que outorga ao sublime um lugar de proximidade às manifestações estéticas contemporâneas

é o seu elemento ameaçador, sobre o qual não se tem garantias de controle, e é exatamente o referido elemento que se encontra na obra de Tezza.

Entre as complexas características do sublime indicadas por Kant, a de seu elo com a grandeza matemática é preciosa. A satisfação que o sublime aí proporciona é de uma ordem singular: “é um sentimento de desprazer que a faculdade de julgar estética relaciona a um objeto; desprazer que, no entanto, aí se encontra, ao mesmo tempo, representado como final, porque a impotência do sujeito lhe faz tomar consciência”. O sublime é o “absolutamente grande”, não comparável, indeterminado – o sublime é “o que, em comparação, tudo é pequeno”.

O sublime tampouco existe na natureza: é um sentimento que responde à necessidade da imaginação de progredir ao infinito e à prerrogativa da razão de exigir uma totalidade absoluta.

O desprazer no sublime consiste na sensação de impotência do sujeito: o fracasso da imaginação em lhe fornecer o objeto que representaria esse inatingível. Mas há também um prazer – a consciência do poder ilimitado da sua razão. O sentimento estético do sublime consiste na satisfação de tal poder.

O SUBLIME EM O FILHO ETERNO, DE CRISTÓVÃO TEZZA

A obra *O Filho Eterno*, de Cristóvão Tezza, foi publicado como sendo um romance brasileiro, no entanto poderíamos caracterizá-lo como um romance autobiográfico, ou ainda uma autoficção. Protagonista de seu romance, o autor tem um filho com síndrome de Down. O livro não disfarça o caráter de acerto de contas do escritor com seu filho – ou, melhor dizendo, consigo mesmo no papel de pai desse filho. É importante atentar ao fato de que Tezza rejeita o rótulo de seu texto ser intitulado como memórias, pois, prefere mantê-lo na categoria de romance: a narração é toda em terceira pessoa, por exemplo.

O livro traz uma reflexão sobre a necessidade e a importância da ação do tempo para operar o ciclo do amadurecimento pessoal dos seus personagens. Este ciclo

se justifica porque plasma duas variáveis significativas de um problema que a crítica literária tem, ao longo de sua história, tratado de forma dicotômica: o narrador e o autor, o sujeito real e o personagem, o escritor e o protagonista, ou ainda, quaisquer outros aportes demonstrativos que se queira dar para separar o homem que escreve da ficção que ele escreve.

Assim, o romance abre caminhos inovadores para que se discuta a tão conturbada relação entre vida e obra, autobiografia e ficcionalidade, como se a ficção pudesse dar ensejo real da história ou como se a realidade não pudesse adentrar nos labirintos literários da subjetividade por considerá-la um campo neutro.

Antes de iniciar a leitura, o autor atenta para o fato de que o romance tem como ponto de partida as memórias do escritor Cristovão Tezza, e, ele mesmo, na epígrafe, deixa claro que memórias são essas. Uma história baseada em fatos reais que não tem pretensão de ser a verdade. É a história do relacionamento de pai e filho – e, pela orelha do livro, sabe-se que se trata de um relacionamento com "dificuldades inúmeras, e as saborosas pequenas vitórias", como nos diria Tezza. Além disso, trata-se de um "livro corajoso" – o escritor é considerado corajoso ao relatar parte de sua vida, ao expor sua família e sua intimidade. Ou seja, é a história real de Tezza ficcionalizada.

Sobre essa questão Tezza afirma: “no momento que eu ficcionalizei a minha história ela avançou, o registro literário, colocar em 3ª pessoa foi importante, só conseguiria escrever *O filho eterno* em 3ª pessoa, tratando-me com uma indiferença, às vezes cruel, tratando a mim mesmo como a um personagem” (TEZZA, 2010, p. 53).

Ao usar a terceira pessoa, conseguiu um distanciamento saudável do personagem do pai e alcançou o tom que queria da voz narrativa. O estado emocional em que o pai mergulha ao receber a notícia da síndrome de seu filho está bem pontuado neste trecho:

Ele recusava-se a ir adiante na linha do tempo; lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, como um boi cabeceando no espaço estreito da fila do matadouro; recusava-se mesmo a olhar para a cama, onde todos se concentravam num silêncio bruto, o pasmo de uma maldição inesperada. Isso é pior do que qualquer outra coisa, ele concluiu – nem a morte teria esse poder de me destruir. A morte são sete dias de luto, e a vida continua. Agora, não. Isso não terá fim. Recuou dois, três passos, até esbarrar no sofá vermelho e olhar para a janela, para o outro lado, para cima, negando-se, bovino, a ver e a ouvir. Não era um choro de comoção que se armava, mas alguma coisa misturada a uma espécie furiosa de ódio (TEZZA, 2010, p. 34).

Ao iniciar a leitura d’*O filho eterno*, do autor Cristóvão Tezza, tem-se a descoberta do sublime, o arrebatamento, tão abordado por Longino, aquele momento inigualável com o desprazer, é o deleite de Burke ou mesmo a sensação de impotência, de Kant, enquanto sujeito diante do texto, ou ainda a violência que embasa as páginas de Karl Eric Schollhammer e essa necessidade de urgência na contextualização histórica do texto.

O primeiro “arrebatamento”, assim denominado por Longino, do livro de Tezza refere-se ao próprio tema do texto, uma vez que, aborda o tema da Síndrome de Down do filho do protagonista. Aquele filho tão esperado nasce “anormal”, segundo o autor. As palavras do protagonista são duras, e, em muitos momentos, até desprendidas de sentimento, sob a ótica de uma primeira análise, no entanto, que mostram a fragilidade daquele pai diante do filho, assim sendo, os primeiros capítulos exploram as reações adversas do pai e marido – “Eu não preciso deste filho”; “Eu também não preciso desta mulher” (TEZZA, 2007, p. 32) – as quais, demonstram o quão inconformado está o protagonista, tais reações apelam para registros discursivos dilacerados de vazio e solidão.

O menino, o filho com a Síndrome de Down é Felipe, nome homônimo do filho do escritor, designado, no início do romance como o “pacotinho suspirante”, “a coisa”, “aquela criança horrível”, “esse”, “simulacro de normalidade”, enfim, denominações que levam o narrador a concluir que é um “escritor sem obra, [...] e agora pai sem filho” (TEZZA, 2007, p. 41).

Essa brutalidade com que questiona a “anormalidade” do filho liga-se ao conceito de sublime de Longino, Burke e Kant, pois, causa um arrebatamento, um desprazer e até certo alívio pela distância que se tem da realidade e por ela não afetar diretamente o leitor, uma vez que se trata de literatura. Lembrando que para Burke, o sublime está diretamente relacionado com a ideia da dor e do perigo, sem estar realmente nessas circunstâncias, ou seja, ai tem-se o deleite. Essa sensação de dor é apresentada através da dor e da decepção do pai diante do filho “anormal”, segundo as palavras de Tezza.

Felipe é apresentado pelo narrador pelas características de um portador de Síndrome de Down e não como um pai geralmente apresentaria seu filho: “[...] algumas características... sinais importantes...vamos descrever: observem os olhos, que tem as pregas nos cantos, e a pálpebra oblíqua...o dedo mindinho das mãos, arqueado para dentro...achatamento da parte posterior do crânio...a hipotonia muscular...a baixa implantação da orelha [...]” (TEZZA, 2007, p. 30).

O sublime pode residir em palavras como essas, quando o pai diz que o filho “é uma pedra silenciosa no meio do caminho” (TEZZA, 2007, p. 112), sendo um desprazer, aquele caracterizado por Burke, ler tais palavras.

Eis um momento de desprazer de Burke:

Ele recusava-se a ir adiante na linha do tempo; lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, como um boi cabeceando no espaço estreito da fila do matadouro; recusava-se mesmo a olhar para a cama, onde todos se concentravam num silêncio bruto, o pasmo de uma maldição inesperada. Isso é pior do que qualquer outra coisa, ele concluiu - nem a morte teria esse poder de me destruir. A morte são sete dias de luto, e a vida continua. Agora, não. Isso não terá fim. Recuou dois, três passos, até esbarrar no sofá vermelho e olhar para a janela, para o outro lado, para cima, negando-se, bovino, a ver e a ouvir. Não era um choro de comoção que se armava, mas alguma coisa misturada a uma espécie furiosa de ódio. Não conseguiu voltar-se completamente contra a mulher, que era talvez o primeiro desejo e primeiro alibi (ele prosseguia recusando-se a olhar para ela); por algum resíduo de civilidade, alguma coisa lhe controlava o impulso da violência; e ao mesmo tempo vivia a certeza, como vingança e válvula de escape - a certeza verdadeiramente

científica, ele lembrava, como quem ergue ao mundo um trunfo indiscutível, eu sei, eu li a respeito, não me venham com histórias - de que a única correlação que se faz das causas do mongolismo, a única variável comprovada, é a idade da mulher e os antecedentes hereditários, e também (no mesmo sofrimento sem saída, olhando o céu azul do outro lado da janela) lembrou como alguns anos antes procuraram aconselhamento genético sobre a possibilidade de recorrência nos filhos (se dominante ou recessiva) de uma retinose, a da mãe, uma limitação visual grave, mas suportável, estacionada na infância. Recusa. Recusar: ele não olha para a cama, não olha para o filho, não olha para a mãe, não olha para os parentes, nem para os médicos - **sente uma vergonha medonha de seu filho e prevê a vertigem do inferno em cada minuto subsequente de sua vida. Ninguém está preparado para um primeiro filho, ele tenta pensar, defensivo, ainda mais um filho assim, algo que ele simplesmente não consegue transformar em filho.** (TEZZA, 2007, p. 23. Grifo nosso).

No decorrer do romance, temos inúmeros momentos de revelação do sublime, pois, o livro como um todo está repleto de descrições violentas da relação e dos sentimentos do protagonista no que diz respeito ao filho, que em determinadas situações o autor denomina de “filho retardado” (TEZZA, 2007, p. 44.).

O livro nos revela esse arrebatamento, característica citada por Longino acerca do que pode ser denominado como o sublime, em cada momento que descreve essa conturbada relação e, principalmente, a forma com que o protagonista se refere ao filho, talvez, se esteja diante do que Kant chama de “impulso de autoconservação”, o qual está diretamente relacionado ao plano prático.

Burke trata o sublime como esse desprazer que está “ligado ao sentimento de uma impotência do sujeito” (BURKE, 1993, p. 107). E Kant diz que é sublime porque eleva a “fortaleza da alma acima de seu nível médio e permite descobrir em nós uma faculdade de resistência totalmente diversa que nos encoraja” (KANT, 1993, p. 106).

Ao longo do texto a linha cronológica da narrativa é trabalhada de forma que, ao passo que Felipe cresce, aprende andar, desenvolve a fala e inicia a vida escolar, o narrador nos conta passagens da adolescência do pai em uma correlação com

sua vida atual. E como o sublime é o instante, o arrebatamento, um relâmpago que passa, é uma espécie de horror prazeroso, tem seu tempo de existência dentro da obra lida, e a partir do momento que isso sublima dentro do leitor, aquele momento dissipa-se e o sublime finda, naquela obra, para aquele leitor específico.

Outra questão a ser abordada é a maneira como o autor/protagonista fala de sua frustração pessoal, a qual se assemelha muito com a urgência em se relacionar com uma realidade histórica, comum ao escritor contemporâneo Karl Eric, que nas palavras do autor, essa urgência quer significar: “a expressão sensível da dificuldade de lidar com o mais próximo e atual” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.11).

Ou seja, para o Tezza escritor o manejo com as palavras, que agora estão ficcionalizadas, torna-se um trabalho apenas literário, ao passo que, enquanto no texto autobiográfico, ou ainda chamado por alguns de autoficção, exista uma grande barreira a ser transpassada, pois, retratar essa realidade histórica vivida pelo personagem e seu filho mostrasse algo de difícil análise quando da proximidade da história com o autor.

Essa urgência em significar e aproximar a realidade ao conceito de sublime é a expressão sensível da maneira como o autor lida com essa situação. O sublime apresenta-se nessa realidade histórica, uma vez que, traz imbricado nele a ideia do arrebatamento e do aterrorizador, do alívio por se distanciar do objeto em questão e ao mesmo tempo uma sensação aterrorizadora pela maneira como a personagem descreve sua relação com o filho.

O romance trata especificamente de uma experiência pessoal, uma vez que, as demais personagens não tem uma ligação efetiva com os dois, pai e filho, um ponto importante dessa caracterização é que pai e filho tem nome, posto que não nos é permitido saber o nome da mãe, ela é simplesmente apresentada ora como a mulher do protagonista ora como mãe de seu filho Felipe.

O individualismo está em voga, ou seja, a sua dor e a sua experiência enquanto pai e o livro relata exatamente esse sentimento, as frustrações do protagonista em relação àquele filho e a culpa é um dos elementos bem presentes, pois, embora a

Síndrome de Down seja um problema de ordem social, assim apresentado no romance, a dimensão pessoal e íntima que esse fato causa na vida do protagonista é imensa. Para Karl Eric “a literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior, o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico” (SCHOLLHAMMER, 2009, p.15).

Por fim, quando o sublime desaparece da obra, porque o instante de arrebatamento já há muito se dissipou, fica apenas a pergunta: quem é esse filho eterno? É Felipe, que será eternamente menino, na sua factual inocência, ou é o pai, um homem a procurar sua verdadeira identidade? A ambiguidade do título, reforçando a dimensão de abertura, permite uma dupla resposta e credita ao lúdico uma possível solução conclusiva, sendo esta o futebol – o jeito brasileiro de levar a vida, “esse nada que preenche o mundo” (TEZZA, 2007, p. 218), um pai e filho num afeto quente e compartilhado. Atlético fanático, o futebol “passou lentamente a ser para o Felipe uma referência de sua maturidade possível” (TEZZA, 2007, p. 219).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrar o sublime em uma obra é algo particular de cada leitor, o que aqui, brevemente, se pretendeu especificar é o conceito de sublime e sua presença na obra de Cristóvão Tezza. A obra de Tezza exerce sobre o leitor um “poder que excede a capacidade de resistência do ouvinte e o subjuga, tomando de assalto a sua atenção” (SCHILLER, 2011, p. 79).

O sublime, dentro d’*O filho eterno*, reside nesse êxtase a que o ouvinte é levado “pela força do discurso [que] estaria ligado a uma característica da alma humana, que por natureza tende a se deixar arrebatado pelo verdadeiro sublime.” (Idem. Ibidem).

O filho eterno pode ser aqui apresentado ainda como um possível caminho dentro de nossa humanidade e suas sombras, uma vez que ser humano também significa

ser capaz de fantasiar verdadeiras atrocidades, e aqui se pode pensar nesse romance no campo da autoficção, pode ainda, ser vista como a história quase eterna sobre resignar-se com uma limitação da vida para se ganhar muito mais dela, como se esse livro fosse o resultado de uma vida, ou ainda como um reconhecimento de sua culpa, uma culpa, uma violência expulsa nas páginas d' *O filho eterno*, violência essa observada pela maneira como Tezza apresenta o protagonista e refere-se ao filho desse protagonista durante grande parte do livro, para, ao final dele, perceber a importância daquele filho diante do homem que narrava aquela história.

O sublime apresentou-se em diversas páginas e momentos no romance, a violência e a agressividade das palavras ao descrever o que o personagem sentia pelo filho são o que Karl Eric chama de urgência em se relacionar com uma realidade histórica, por fim, do sublime resta, ao final da leitura, apenas a sensação que nos causou, o arrebatamento que nos acometeu e que já se dissipou e ao leitor fica aquela sensação do horror-prazeroso de Burke e do desprazer Kantiano.

REFERÊNCIAS

BURKE, E. **Uma investigação sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Campinas: Papirus, 1993.

KANT, I. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Tradução de Valério Rohden e Antônio Marques, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1993.

LONGINO. **Do sublime**. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHILLER, F. **Do sublime ao trágico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

_____. **Cena do Crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

TEZZA, C. **O filho eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

_____. Entrevista. In: DORF, M. **Autores e ideias**. São Paulo: Saraiva, 2010.